



Imagem de capa:
Self-forgiveness,
aguarela de
Mariana Rosa Scarpa.



A OBOD no programa *Portugal Culto e Oculto*

FÁBIO BARBOSA



Arte Rupestre — Expressão da Celebração, do Simbólico e do Ritual

DINIZ CORTES



Corpo Paraíso

VERA EVA HAM



Só sei o que nunca aprendi

ƷANO FONTESACRA



Anam Ćara

*Pré-publicação de um excerto
da nova tradução em língua
portuguesa da famosa obra
de John O'Donohue.*

RUBRICAS

Eisteddfod	22
Almanaque	24
Tríade	27

Índice



A OBOD no programa

FÁBIO BARBOSA



A PROCURA POR INFORMAÇÕES credíveis acerca das espiritualidades telúricas e alternativas nos meios de comunicação social convencionais é, por norma, uma experiência consabidamente frustrante para os praticantes dessas tradições, quer pela superficialidade no tratamento deste tipo de temáticas, quer, não raro, pelo tom jocoso com que elas são apresentadas ao público, tom esse geralmente motivado por fenómenos paralelos na cultura *pop* que despertam ora medo ora incompreensão em quem parte de uma perspectiva — como que a filtrar o mundo com vidros baços — influenciada pela crença e pelos costumes dominantes.

É por essas e por tantas outras razões que saudamos a iniciativa da jornalista Rita Saldanha e do historiador João Rodil em proporem à televisão pública portuguesa um espaço em que se explore várias tradições e

práticas menos conhecidas do grande público, com um genuíno interesse em divulgá-las em termos acessíveis, sem sensacionalismos e com toda a substância.

Estreada ao longo do passado Outono no segundo canal da RTP (a estação que tem por mote ser “culto e adulta”), a série *Portugal Culto e Oculto* deu a conhecer em dez episódios movimentos e tradições tão diversas como a Maçonaria (inclusive no feminino) ou a Alquimia, o Rosacrucianismo, o Franciscanismo ou o *New Age*. No terceiro episódio, deu também destaque à Ordem dos Bardos, Ovates e Druidas, com a participação de vários membros da OBOD em Portugal e imagens gravadas na Casa do Fauno e no Bosque Sagrado da Ordem em Sintra.

O programa começou por explorar as raízes ancestrais das civilizações celtas, e do próprio Druidismo, no espaço português, para então passar a estabelecer diversas



EM SENTIDO HORÁRIO:

Os membros entrevistados pela produção do programa: Alexandre Gabriel (responsável pelo curso de Druidismo da OBOD em língua portuguesa), Cecília Garcia e José Alexandre Frazão Matos.



ligações entre o conhecimento espiritual transmitido pelo Druidismo e outros saberes, como a astrologia, o herbalismo ou a alquimia, enquanto ramos diversos que partem de um mesmo tronco comum da Tradição Primordial. Os membros da Ordem entrevistados para o programa mantiveram, aliás, um foco constante nessa universalidade do saber druídico, pois que esse saber é na verdade uma gnose: um (re)conhecimento íntimo, uma mudança de paradigma, uma emergência da linguagem da alma.

Um saber etimologicamente associado ao carvalho, que nos situa numa justa relação com todas as demais formas de vida e no lugar que ocupamos na grande narrativa do espaço e do tempo. O entendimento de que o saber e a lei deviam ter como função a manutenção da estabilidade cósmica era, aparentemente, transversal às várias civilizações celtas. Talvez por isso estas despertaram a atenção

dos fundadores do Revivalismo Druídico no século XVIII; talvez por isso continuem a encantar-nos tanto hoje em dia, num mundo onde se toma o ruído pela mensagem e o silêncio pelo vazio.

O programa explorou também a natureza e o sentido dos três graus de iniciação propostos pela OBOD, na veia da tradição revivalista, entendidos como modalidades de cura (interior e exterior) e de serviço aos outros — dada, aliás, a sua inspiração em funções concretas nas antigas sociedades celtas. Desde o Bardo que preserva e desenvolve a memória colectiva do seu grupo e é capaz de moldar o mundo através do dom da palavra e do canto, ao Ovate que se coloca no “eixo do mundo” e reúne informações e remédios oriundos de todos os reinos da existência, fora do tempo por vezes, chegando enfim ao grau de Druida, o grau da filosofia natural, do domínio de si, da doação à comunidade.



Abrigo Pré-Histórico de Penas Róias – Mogadouro

Pormenor de figuras antropomórficas representadas em acto de movimento (dança?) com toucados rituais. Existe semelhança evidente com a figura em trajes rituais do abrigo 2 do Regato das Bouças.

Lapa dos Gaivões – Esperança – Arronches – Portalegre

Figura antropomórfica segurando “bastão” (de mando?) entronizada e em clara postura de exibição de poder. Sobre ela foi executada uma segunda figura pectiniforme zoomórfica que aparece em vermelho mais carregado.

É de igual forma atribuída ao *Homo (s.) neanderthalensis* o início da ritualização funerária, demonstrando preocupação com o abstracto da morte e com o mistério do regresso do corpo ao “mundo dos inertes” após a perda da “alma” que terá viajado para parte incerta...

O *Homo (s.) neanderthalensis* conviveu na Europa com o *Homo (s.) sapiens*, igualmente proveniente de África, como se referiu, e chegou à Península Ibérica por volta do 40º milénio a.C., havendo indícios de hibridação entre ambos.

Vários autores defendem tratar-se apenas de espécies fenotipicamente diferentes mas geneticamente idênticas e com base ancestral comum. Alguns autores consideram ainda a nomenclatura *Homo sapiens sapiens* e *Homo sapiens neanderthalensis*, reforçando a ideia de base genética comum divergindo apenas em alguns caracteres fenotípicos adquiridos em função do contexto ambiental em que evoluíram durante muitos milhares de anos. Existem fortes indícios de hibridação entre as duas espécies mas desconhece-se efetivamente qual o resultado genético dessa hibridação, nomeadamente nada se sabe da possibilidade de reprodução

com sucesso entre eles mesmos ou entre os seus padrões originais.

Inicia-se com a chegada do *H. (s.) sapiens* um importante período da pré-história europeia denominado Paleolítico Superior. São desta época as gravuras que enobrecem o vale do rio Côa e os grandes painéis figurativos das grutas cantábricas, como Altamira com os seus bisontes e cavalos, desenhados com ocre e negro nos painéis mais conspícuos dessas protectoras formações geológicas. Em Portugal, são raras as manifestações pictóricas deste período, podendo referir-se em contexto de Gruta a do Escoural no Alentejo e alguns sítios dispersos como por exemplo a Fraga do Gato na calçada de Alpajares em Mogadouro que por alguns autores, mas com algumas reservas de outros, lhe é atribuída.

Os (*s.*) “*neanderthal*” decrescem por “absorção” genética pela recém-chegada espécie (*s.*) “*sapiens*” ou por extinção pura e simples, por “inércia” civilizacional face aos novos colonizadores da Europa, por pressão demográfica belicosa por parte destes ou por outros factores causais por volta do 28º milénio antes da nossa era.

Anam Cara

Mais de 20 anos depois de John O'Donohue ter publicado o seu famoso compêndio de sabedoria de inspiração celta, está finalmente na calha uma edição de Anam Cara¹ em língua portuguesa, com a chancela Zéfiro.

Segue-se a pré-publicação de um excerto da obra, em exclusivo para a revista Ophiusa.

A luz é generosa

QUEM JÁ ESTEVE NO EXTERIOR DE MANHÃ BEM CEDO, ANTES DO romper da aurora, terá reparado que o momento mais escuro da noite é o que antecede a alvorada. A escuridão adensa-se e torna-se mais anónima. Quem nunca tivesse estado no mundo e não soubesse o que é o dia, não poderia provavelmente imaginar como a escuridão se dissipa, dando lugar ao mistério e às cores de um novo dia. A luz é incrivelmente generosa, mas também gentil. Observando a chegada da alvorada, conseguimos compreender o modo como a luz seduz a escuridão. Os primeiros raios de luz surgem no horizonte; tão hábil e gradualmente, vão despiando o mundo do seu manto de trevas. Silenciosamente, ante nós, revela-se o mistério de uma nova alvorada, de um novo dia. Emerson disse: «Ninguém suspeita que os dias são deuses.» Uma das tragédias da cultura moderna é o facto de termos perdido o contacto com estes umbrais primordiais da natureza. A crescente urbanidade da vida moderna tem conseguido exilar-nos desta fecunda afinidade com a mãe terra. Moldados a partir da terra, nós somos almas em forma de barro. Precisamos preservar a sintonia com a voz interior do nosso barro e com as suas aspirações. Essa voz, porém, já não é audível no mundo moderno. Não estamos sequer a

¹ *Cara*, com um ponto sobrescrito no C, é a grafia tradicional da palavra; na actual ortografia irlandesa, este diacrítico é substituído por um H acrescentado à consoante: *chara*. A pronúncia deste som em irlandês é comparável à do nome Bach ou do termo escocês loch.